

# A Geografia - impasse e desafios no findar do século XX

Milton Santos

*O texto a seguir é uma transcrição revisada apenas pela equipe editorial. Não passou por revisão do autor e, por isso, contém linguagem coloquial e pode apresentar eventuais imprecisões.*

*Na tarde de 20 de maio de 1997, Milton Santos proferiu uma palestra no auditório do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/Unicamp). Tratava-se da primeira comemoração do Dia do Geógrafo nessa universidade, promovida pela Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Campinas (AGB-Campinas) e pelo IFCH. A atividade foi divulgada no boletim informativo “Espaço Geográfico” de abril/maio de 1997<sup>1</sup>, acompanhada de questionamentos sobre o processo de globalização, muito em voga na mídia naquela época. No mesmo ano, ocorriam os últimos passos da implantação do curso de graduação em Geografia da Unicamp.*

*O que apresentamos aqui é uma transcrição da fala de Milton Santos, sem revisão do autor. A transcrição, feita a partir de uma gravação que se perdeu ao longo dos anos, foi encontrada durante organização do acervo da AGB-Campinas. Após revisar o texto, com a autorização da família do autor – a quem agradecemos –, a equipe editorial do Boletim resolveu publicá-lo como forma de homenagear e continuar o trabalho do geógrafo. Esperamos, assim, que suas palavras continuem suscitando reflexões sobre a globalização, nesta segunda década do século XXI.*

\* \* \*

---

1 Nota do editor (N. E.): Disponível em <<http://bit.ly/agbcps-boletim22-1997>>.

### Transcrição da palestra

O tema que me foi imposto é “a Geografia face aos desafios do findar do século”. Essa palavra, “findar do século”, se parece muito com uma outra palavra: “muro de Berlim”. A imprensa, desde então e até agora, dá a esse episódio, “muro de Berlim”, uma importância que realmente não tem. Quando eu me refiro ao “muro de Berlim”, estou fixando um episódio que marca a passagem de um momento da história onde havia dois sistemas econômicos, sociais e políticos sobre a face da Terra e a isso devemos a prosperidade política do Terceiro Mundo – o Terceiro Mundo não existiria se não tivesse havido o mundo socialista –, e se cristaliza essa ruptura no fato, escondendo os processos que realmente levaram à derrocada do mundo socialista, que é o que nos interessa.

O “muro de Berlim” nos interessa secundariamente, essa queda do “muro de Berlim”. O que nos interessa saber é como se passa a história do nosso tempo, por que ele permitiu a derrocada da União Soviética, para entendermos as possibilidades de construção do futuro. Agora, de novo, vamos enfrentar a mesma questão com a chegada do terceiro milênio, e há tendência a cristalizar outra vez em torno de uma data, torná-la uma efeméride a priori e evitar outra vez que os processos sejam estudados.

O “muro de Berlim” é uma metáfora e as metáforas servem para chamar a atenção para aspectos da realidade. Raramente a metáfora nos permite trabalhar a realidade toda. E se não trabalharmos a realidade toda o nosso trabalho é capenga, insuficiente para entender o que o mundo é, e sobretudo para nos ajudar na tarefa de construir outro mundo. A mesma coisa é essa passagem do século, esse fim do século XX, esse começo do século XXI, esse início do terceiro milênio. Metáforas. As metáforas são importantes como figuras de estilo, isto é, da produção das frases. A produção da frase faz parte do nosso trabalho teórico, do nosso trabalho científico.

Eu costumo dizer que o trabalho científico tem duas partes, ambas igualmente importantes: primeiro, achar aquilo que a gente pretensiosamente chama de “a verdade”, esse labor de análise que conduz àquilo que cada um de nós diz que é a verdade, os outros dizem a sua verdade, não importa. Depois desse trabalho surge outro trabalho, a produção das frases. Porque o que transporta no tempo as ideias é a forma da sua elaboração. Penso que é o que garante, a garantia da permanência da construção, essa vontade de atribuir algo de estético àquilo que sisudamente encontramos nos laboratórios e nos gabinetes, e que somente toca aos que ouvem, aos que leem, que têm realmente esse conteúdo estético, essa base de emoção, que é o grande transmissor das ideias.

Por conseguinte, as metáforas podem ser úteis. E elas são úteis. Mas elas devem ser um trabalho a posteriori. Primeiro a análise, depois a metáfora. Porque se eu começo por metaforizar eu posso não entregar aos meus ouvintes e leitores aquele corpo, aquele conjunto de elementos que eles estão reclamando para entender o que são na sociedade, o que são no mundo. O que é a sociedade, o que é o mundo. Esse trabalho analítico sem o qual a tarefa política é impossível.

Por conseguinte, o que nos deve unir hoje, como em outros tempos uniu aqueles que buscavam não apenas conhecer o presente, mas enfrentar o futuro, é entender o que as coisas são. Olhem qualquer coisa, olhem qualquer território, olhem qualquer situação. Essas situações todas são coerentes. Nada que existe deixa de ser coerente. Em outras palavras, tudo o que existe é coerente. O nosso trabalho de intelectuais é encontrar na inteligência a forma de exprimir o que na realidade é coerente. Esta coerência é dada pela história e é isso que nos interessa sempre. E, sobretudo quando trabalhamos em estruturas históricas, a própria história, a geografia, a sociologia, a antropologia, todas essas disciplinas históricas que trabalham coerências, coerências que se fazem e se desfazem ao longo do tempo, porque a história é o cemitério das teorias e das coerências, porque ela é também a matriz das teorias e das coerências.

E aí outra pergunta: o que é esse findar do século? O século é uma categoria do calendário e categorias do calendário não são uma categoria do tempo. Uma coisa é o tempo, outra coisa é o relógio. Uma coisa é o homem vivendo e conduzindo corpo, relações, ideias, mundos. Outra coisa são as marcas milimetradas impostas a esse mesmo homem pelo rigor de toda forma de contabilidade. Não é isso que buscamos. O grande escritor [Karl] Polanyi dizia que o século XIX teria entrado naquilo que se chamaria o século XX. Como tantas vezes ouvimos dizer que o século XXI já chegou, sobretudo os mais jovens aqui, para os quais a natureza são os computadores, e aos quais se repete com frequência que o futuro está aí. O futuro não está aí. O futuro é o que nós nunca vimos. O que está aí é um presente que temos que conhecer, reconhecer, analisar, ser capazes de penetrar nele com olhos de inteligência.

Então, não é o século que procuramos. Procuramos o tempo, o valor do tempo. O valor do tempo é dado pelas possibilidades oferecidas àqueles grupos humanos contemporâneos – me desculpem, eu sou contemporâneo de vocês; eu peço perdão, mas sou – que defrontam, enfrentam, utilizam mais ou menos as possibilidades que o tempo oferece. Por conseguinte, o meu tempo não é o tempo de Cabral, não é o tempo de Pedro I nem II, não é o tempo de Juscelino Kubitschek. É o tempo de Fernando Collor e de Fernando Henrique Cardoso (estou falando sério). Isto é, em cada um desses momentos da história, os homens presentes em

qualquer parte dispunham de uma série de possibilidades. É isso que dá o tempo, é isso que oferece o tempo. E é isso que eu tenho que entender para compreender como tudo se transforma, inclusive a nossa velhíssima e sempre jovem Geografia. Uma salva de palmas para a Geografia!

Eu creio que é exatamente isso que é a nossa busca. Porque quando a Arlete [Moysés Rodrigues]<sup>2</sup> me diz assim, “olhe, Milton, eu estou te ordenando que venha falar sobre a Geografia daqui por diante”, o que ela quer dizer é o seguinte: o mundo é definido por um conjunto de realidades e possibilidades. Atenção, não é só a realidade. O mundo não é feito apenas de realidade. Se o mundo fosse feito de realidade, seria um mundo repetitivo, inócuo, burro. Ele pode ser dirigido burramente, está sendo dirigido burramente. Mas nada que nos faça ver que isso não é obrigatório e que há as possibilidades, que não são a realidade.

Então tem que saber tudo. Saber o que está sendo feito e o que não está sendo feito, mas que é passível de ser feito. O conjunto de possibilidades é que vai me dizer o que o mundo é. Essas possibilidades são primeiro no mundo do real, chamado real, coisas que existem, coisas que são passíveis de existir, que são promessas efetivas, reais, concretas, ainda que não se tenham empiricizado, e coisas que ainda não foram feitas, gestos que não foram ainda produzidos, ações que ainda não foram tomadas. Então, diante do mundo, isto é, do momento da história, a mim me interessa saber como as coisas estão feitas e também que posso fazer, que podemos fazer a partir daquilo que nos cerca como possibilidades.

É a partir daí que a gente define o trabalho político mas, antes do trabalho político o trabalho científico, porque a base do correto trabalho político é o correto trabalho acadêmico. Por conseguinte, nós aqui somos responsáveis pela produção de um sistema coerente de ideias a partir de cada uma de nossas disciplinas, cujo sistema será tomado ou não pelos homens políticos, que não somos nós, porque nossa tarefa não é a tarefa do homem político. Nossa tarefa é outra. Não estou dizendo que todos sejam do lado do progresso. A universidade é linda por isso mesmo: porque ela prepara com o mesmo carinho os homens da esquerda e os homens da direita. E é bom que os prepare bem para que um debate alto se possa instalar. Se fôssemos, os de esquerda, os únicos depositários da seriedade e da correção na forma de elaboração das ideias, o cotidiano universitário seria muito mais miserável do que frequentemente ele é.

A nossa grande busca é saber como essas oportunidades se organizam em cada momento histórico. Vamos chamar a isto a descoberta do período. Período é

---

2 N. E.: na época, a professora Arlete Moysés Rodrigues era chefe do Departamento de Sociologia do IFCH e trabalhava na proposta de implantação do curso de graduação em Geografia na Unicamp.

um pedaço de tempo onde as coisas continuam mudando, mas que guarda coerência. Há uma certa coerência que faz com que se produzam durante um certo tempo fenômenos que acabam por ser reconhecidos como típicos de um mesmo período. Como em cada período tudo muda, a organização do saber muda também. Isto quer dizer: os períodos veem nascer mais disciplinas. Se vocês olharem aqui na sala, na história das nossas próprias disciplinas, vocês verão que as disciplinas vão nascendo como função da evolução histórica, da produção de novas possibilidades. Quando algumas possibilidades se tornam autônomas, elas fazem nascer uma disciplina nova.

Essa autonomia é resultado às vezes da pura história material; aliás, também é o resultado da história intelectual, podendo ser consequência de um talento excepcional de um homem que diz: “a alma existe” (Freud), e que impõe ao mundo uma disciplina na qual não se pensava antes, que seria a psicanálise, e que representa a autonomização num dado momento da história concreta dos homens, daquilo que vai servir de conteúdo à psicanálise. A mesma coisa se deu com a Geografia, que nasce praticamente ao mesmo tempo. A gente vai ver 70 anos depois o velho Henri Lefebvre sugerir um paralelismo entre a “psico-análise” e a “espácio-análise”.

Só que a Geografia trabalha com uma coisa chamada espaço, que muitos colegas de outras áreas dizem que nem existe. Numa banca em que participei com historiadores, tive a dor profunda de escutar da parte de um jovem colega, aliás, convicto de suas ideias, que nem o tempo nem o espaço são coisas reais. É evidente que durante esse século havia tantas interpretações filosóficas do espaço e do tempo – e o próprio companheiro de [Karl] Marx, [Friedrich] Engels, que considerava o tempo/espaço como dimensões. Ele não foi propriamente contemporâneo de Einstein, então ele dizia que o espaço e o tempo eram dimensões obrigatórias do real. Só que nós hoje dizemos outra coisa: que os dois são a mesma coisa, que não há separação possível entre o espaço e o tempo. Mas isso se deve, essa nossa afirmativa, à afirmativa dos homens e mulheres que dizem no fim do século XX: tivemos a sorte de possibilidades abertas para a humanidade a partir justamente dos progressos científicos, técnicos e da informação.

Quando [Paul] Vidal de La Blache escreve os seus “Princípios [de Geografia Humana]” – ele não chamou de “Princípios”; foi a família dele que depois deu esse nome –, ele não dispunha das condições de que nós dispomos hoje, porque não havia historicidade do espaço. O espaço se transformou neste fim de século, é algo indispensável à produção da história. Historicidade do espaço, isto é, aquilo que vai dar a autonomia à disciplina geográfica, porque a realização da economia, da política, da cultura, hoje, depende de como o espaço se organiza.

Um exemplo bobo, banal: quando uma multinacional toma uma decisão de localização, essa decisão é tomada a partir do conhecimento prévio do que o lugar é. Do que o lugar é como materialidade, como organização técnica, como coisa, mas também do que o lugar é como resistência ou como facilitação política. Nenhuma empresa se instala em tal ou qual lugar sem esse exame acurado, ajudada frequentemente por cientistas políticos transformados em consultores políticos. E que indicam às grandes empresas planos onde se instalar. Segundo, esses consultores políticos prometem, explícita ou implicitamente, ajudar no sentido de transformar esse lugar em algo dócil às intenções dessas grandes empresas.

Há 20 anos, nós tínhamos ideias vagas do que eram os diversos lugares. Os diversos lugares nos apareciam frequentemente como lendários. Hoje os lugares nos são oferecidos todos os dias, na sua realidade quase total, a partir dos satélites, a partir das agências de notícias. E mais do que isso, os movimentos que se dão em cada lugar são passíveis de acompanhamento de qualquer outro lugar. Isso significa que o conhecimento do território, dos territórios, do lugar, dos lugares se tornou algo de banal neste fim de século, em função da ciência e da tecnologia, em função da informação.

Essa informação que aproxima os lugares, não fosse ela estar sobretudo ao serviço dos poderosos, e não de todos. Mas a verdade é que a grande empresa trabalha na base da chamada competitividade – a exacerbação da competição. A competição sempre houve, desde que o capitalismo existiu. A competitividade somente foi possível a partir do mundo onde a informação se tornou fácil, onde cada empresa fiscaliza cada empresa, todos os dias, todas as horas, cada minuto, no afã de ultrapassá-la na busca ilusória de uma mais-valia que não é mais medível, mas que alimenta este movimento para o nada que é a competitividade dos dias atuais. Essa competitividade aumenta o valor dos lugares porque os lucros das empresas dependem do lugar onde elas se instalam: “ali tem um governador que vai nos dar 600 milhões de dólares para que eu instale a minha montadora. Tem um outro estado vizinho mais ao sul que faz a mesma coisa...”. Isso é exercício de chantagem pelo preço do emprego nos estados (no Brasil, Espanha, França etc.). Isso mostra esses estados, como o estado de Minas [Gerais], que decide reorganizar seu parque rodoviário para atender às grandes empresas.

Quer dizer, financiando menos Estado, o Estado tem que ser magro para que a “gordura” seja dada às diversas empresas. Essa “gordura” vai se localizar em lugares precisos, que são lugares de instalação dessas enormes empresas, que acabam organizando-se melhor em benefício próprio e desorganizando tudo o mais no território. Por conseguinte, esse valor atribuído ao território, e sobretudo ao lugar, é uma novidade na história do homem e chama a atenção para a necessidade

de se compreender como funciona a questão do espaço, do lugar neste fim de século, dando lugar fantástico, primordial à Geografia.

Não é que sejamos os melhores cientistas humanos, não. Nada disso. Foi uma bobagem que foi feita no começo do século, quando os geógrafos diziam “nós é que somos o centro do mundo; os outros são como bengalas: o historiador é a bengala da Geografia”. Eu aprendi isso e acho que cheguei até a repetir em alguma aula. A verdade é que isso não se dá. Só que o mundo se tornou tão complexo que os saberes todos se reúnem ou devem se reunir para permitir o conhecimento da totalidade, que é a sociedade mundial, nacional, regional, que é a sociedade humana. E sem isso não é possível entender.

É evidente que os economistas com frequência consideram o espaço como um dado. É um equívoco porque o espaço não é feito só de coisas. O espaço é constituído de coisas e os homens agindo sobre essas coisas juntas. E o trabalho do geógrafo neste fim de século é entender este conjunto de objetos, de ações – como no meu livrinho<sup>3</sup> estou tentando definir a nossa disciplina, de modo a ver como isso participa da dinâmica social. Do papel da evolução da sociedade e como, a partir disso, nós podemos de alguma maneira influenciar essa dinâmica social, essa evolução da sociedade.

Vejo então que o que se está passando neste fim de século não podia se passar antes – mas, desde que se passe agora, autoriza através dessa geograficidade da história a admitir que a ciência (perdão, ciência geográfica é absurdo!) – que essa coisa que nós fazemos que se chama Geografia tem uma autonomia dentro do elenco das disciplinas do homem a partir de sua prestância para o entendimento da vida. Isso se dá porque o planeta se tornou cognoscível. Colombo imaginou haver conhecido o ecúmeno. E depois dele, quantos imaginaram... É possível que o nosso conhecimento atual seja ainda inferior àquilo que virá a ser o conhecimento do planeta daqui a 20, 30, 40 anos.

A verdade é que, com os instrumentos descobertos pela inteligência do homem nesta geração, a partir da ciência, da técnica, da informação, nós sabemos muito, muito sobre o que é este planeta que é a nossa casa. Essa cognoscibilidade do planeta, que é uma novidade na história do homem, é outro elemento que dá ao espaço o lugar central no conhecimento da história, que vê, a partir deste século, deste fim de século, o fato de que as regiões, os lugares, os continentes são perceptíveis em conjunto e em detalhes, superficialmente e em profundidade, no mesmo momento em que a cupidez do homem alcança níveis jamais atingidos

---

3 N. E.: no ano anterior, 1996, Milton Santos havia lançado “A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção”, pela editora Hucitec.

antes. Essa combinação leva a que a história do mundo, tal como está sendo feita hoje, passe pelo conhecimento de como o espaço é.

Essa cupidez irrestrita sob a qual vivemos – e aí aparece o que falei no começo, aparecem os períodos, ao mesmo tempo, como conjunto que possibilita a realidade – essa realidade dolorosa que é constituída por essa globalização perversa, da qual o Brasil é exatamente o melhor, porque pior exemplo. E outra coisa que vamos construir, mas que vamos construir tanto mais rapidamente quanto melhor for de nossa parte o conhecimento como funciona o mundo hoje. Nunca o mundo conheceu mudanças tão brutais e tão rápidas, até o ponto em que a gente hesita em dizer se esse período é um período e imagina que ele é só uma crise.

Aqueles que leram um pouco de marxismo (e até mesmo os que não leram) se recordam que entre os períodos se instalavam crises. Período, uma crise, depois vinha outro período. Agora, não: temos uma crise e um período ao mesmo tempo, que é uma outra característica e que nos dá a ideia da rapidez com que tudo muda; da precipitação da existência atual em todos os seus aspectos. Pois bem. Se nós queremos comandar o futuro, é exatamente através do conhecimento dessas possibilidades, isto é, tudo o que está aí e que nós ainda não utilizamos.

Por exemplo, informação: precisaram nos vender a ideia de que estamos na “aldeia global”. E as pessoas repetem alegremente essa bobagem, “aldeia global”. Eu vou contar a vocês uma anedota, só para descansá-los. Eu vivi dois anos na Tanzânia, onde fui chamado para organizar a pós-graduação em Geografia, e foram dois anos muito gostosos, porque foram anos de descoberta, porque pudemos viver sem consumir. E a grande descoberta foi essa de que o consumo não é indispensável. Evidente que quando eu ia a Paris eu trazia docinho de manteiga em minha mala.

Uma grande lição que eu colhi nessa permanência nesse mundo pobre e digno – é frequente que a pobreza seja acompanhada pela dignidade – é a questão de como a informação se transmite. Havia dois jornais na capital, Dar es Salaam, um jornal do governo e outro jornal do Partido [Comunista]. O jornal do governo era publicado em inglês e o do Partido era publicado em suahíli (língua oficial). E, como bom partido socialista, as palavras de ordem eram frequentes e desgostavam uma parte dos colegas, agradavam a outra parte dos colegas, de vez em quando surgia um espírito crítico, porque afinal de contas nosso trabalho é esse.

Então dizíamos que nós íamos descansar desse oficialismo da notícia do Partido ou do Estado, e íamos olhar caírem nos dois grandes hotéis da cidade as notícias da agência Reuters, por telex (um precursor do fax). As notícias caíam no



hotel e então a gente via aquelas notícias diferentes daquelas aparecidas no jornal e voltávamos para casa “frescos”. Até o dia em que, convidados para jantar com o jornalista da mesma agência Reuters, ele nos explicou como é que se produzem notícias. Ele era representante da agência Reuters, que tem sede em Londres, para alguns países da África Oriental.

Uma notícia é uma fantasia de um fato. Um fato que tem a notícia, que é a interpretação do fato. Então ele mandava essa interpretação à sua agência. A agência reinterpretava a notícia segundo o continente para o qual ia mandar. Por exemplo, vocês estão lendo no jornal esses assassinatos todos. Quer dizer, tem que mostrar que os africanos são totalmente selvagens. Então os retratos saem um matando o outro, com fuzil na boca do outro, para criar entre nós, brancos, a ideia de que os negros africanos são permanentemente selvagens. E nós só temos isso na nossa cabeça, é costume falar que africano é selvagem. Tem gente simpática, sobretudo quando você é professor de faculdade, mas de um modo geral a gente retém essas imagens.

O curioso é que, também do lugar de onde a notícia tinha saído, ela voltava maquiada. Hoje, 20 anos depois, as grandes agências de notícias são associadas íntimas das empresas globais, juntamente com os grandes editores. Quer dizer que a opinião do mundo inteiro é intoxicada desde a origem. A gente tem que saber isso e quem está na faculdade tem que saber isso. Saber que os livrinhos que nos põem nas mãos são pré-elaborados para criar um certo tipo de consenso, que interessa às multi-grandes empresas que têm a decisão de nos publicar ou não nos publicar. Isso nos conduziria a propor no Congresso, por exemplo, leis para ajudar a imprensa que decidir ser independente, para ajudar os editores que decidissem ser independentes.

Porque essa ideia única, esse discurso único terá que ir crescendo, crescendo, crescendo. Mas a análise não para aí. Eu estou dizendo isso para mostrar que não há aldeia global, porque a notícia que eu tenho não revela o fato. A notícia que eu leio, que eu ouço, que eu olho não interpreta o fato. Se eu tenho conhecimento da história da Ásia, da África, da América Latina, da Europa, eu olho, ouço e vejo essa notícia de forma diferente. Quando dizem “a Comunidade Europeia se reúne para ampliar os horizontes desse continente civilizado, que quer se manter porque é o centro da civilização mundial”, a enorme pretensão dos europeus imaginando-se únicos na civilização, quando na verdade o mercado europeu é uma atitude de guerra em relação aos demais. É guerra contra os Estados Unidos, é guerra contra a Ásia, é guerra contra nós.

Então eu teria que realizar uma outra análise, mas a partir do mundo como ele é. E só assim eu tenho o mundo como ele é, só assim eu posso propor mudanças. De outra maneira, o que é que eu posso fazer? Discutir dentro desse tipo de raciocínio e não sair desse tipo de raciocínio. O grande drama é que a maior parte dos debates, no Brasil quase 97% do debate, é sempre de maneira interna a esse sistema de ideias. Então a gente se coloca contrário dentro do sistema de ideias e não a partir do sistema de realidades, examinado de forma crítica. Ora, a Geografia hoje permite uma análise mais próxima dessa vontade de crítica e mais próxima da realidade dos povos, porque a história não se faz fora do espaço.

E as próprias fraturas que nós vemos hoje em toda parte, na Europa, na Ásia, na África, afinal têm relação com a maneira como os territórios foram e estão organizados. Quando se fala na selvageria dos tutsis ou dos hutus, quando se repete com frequência que a África é mais ou menos selvagem porque há guerras tribais, nos esquecemos que os Estados foram organizados por cima das realidades históricas e étnicas, que eram seculares e milenares. Só que tudo isso que o mundo de hoje nos permite, que dá à geografia um papel considerável, sobretudo quanto à geopolítica, não se desprende da geografia. Da mesma maneira que não há bons cientistas políticos que não sejam bons sociólogos. Os cientistas políticos que não são bons sociólogos são pequenos analistas. Os geopolíticos que não são bons geógrafos são pequenos analistas também. Porque partem de aspectos superficiais, mas não enfrentam o âmago da questão.

Eu creio que teria uma outra coisa para conversar, que serviria para propor como tema de debate o fato de que o mundo atual se organiza em torno de duas grandes violências. Uma delas é a violência do dinheiro e a outra é a violência da informação. A violência da informação se exerce a partir do discurso do mercado. É o mercado que organiza os discursos, que impõe os discursos e que torce os demais discursos. E é por isso que na América Latina anunciavam a instalação da democracia e nos deram democracia de mercado, o que é muito diferente. Se a gente continuar ouvindo que há democracia de Estado, a gente não analisa o fenômeno de democracia de mercado como ele é. Basta ver o discurso dos economistas, e aí a direita e a esquerda se associam no mesmo discurso, com exceções, evidentemente – espero que estejam na sala –, e esse discurso redutor evita o debate de fundo.

Essa violência do dinheiro em estado puro – uma coisa é o dinheiro que se geografiza. No mundo de hoje você tem, com a rapidez de comunicação e com a topologia informática das empresas e dos bancos, a possibilidade de saber o que cada lugar é, do ponto de vista financeiro. Você pode traçar o mapa do mundo, do Brasil, de São Paulo, do ponto de vista dos dinheiros, da qualidade e da quantidade

de dinheiros que há em cada lugar. Esse mapa se completa com o mapa dos fluxos dos valores, que todos os dias se dão na direção dos polos centrais. O dinheiro é uma ficção, mas ele é utilizável (é utilizado quando se torna produtivo) ou não utilizável (é não utilizado quando ele é apenas dinheiro-dinheiro, dinheiro em estado puro). Pois bem. Os bancos todos os dias redistribuem esse dinheiro: esse aqui vai ser agricultura – geografizado como agricultura; esse aqui vai ser indústria, geografizado como lugar A, B, C e D, como indústria ou como comércio, ou como construção, ou como infraestrutura.

A gente poderia dizer, mas eu não quero ofender os outros cientistas sociais, que há somente duas coisas no mundo: dinheiro e Geografia. É um pouco isso mesmo. O dinheiro-dinheiro se geografiza hoje sem vontade de permanecer; a permanência se dá posteriormente, ou não. Antes esse dinheiro era para se instalar, para ficar, e era difícil sair; hoje, não. Com a redução dos custos dos transportes, é muito fácil ao capital instalado sair do lugar, mudança que chamam de desterritorialização ou de geografização do capital. Quando ele se instala, ele desorganiza tudo o mais, é isso que é importante não esquecer.

No caso do Brasil, por exemplo, quando uma grande empresa se instala numa cidade média, esse capital, ainda que geografizado, chega com suas normas, com suas leis, com suas imposições, com as suas regras. Ele contamina as outras empresas e suas necessidades, ele desorganiza o território. Isso não é bastante visto por causa da violência da informação. Esse dinheiro desorganizador, corruptor, que arranca da cidade a possibilidade de governar-se, aparece como salvador porque é precedido por uma bateria de propaganda que é portadora de uma mensagem não verdadeira – aparece como violência da informação.

Então, na discussão da universidade pública, há falha nisso também. Porque a universidade pública deve existir não pelo fato de que o ensino vá ser gratuito, não. Ela deve existir porque é ali e só ali onde há possibilidade de consultores dando aulas. Porque as consultorias, ou elas corrompem definitivamente os professores, ou corrompem provisoriamente os professores, porque eles são chamados a dar respostas a grandes interesses e a legitimar esses interesses. Só a universidade pública pode abrigar um homem independente, só. A construção da nação passa pela maneira como nós atribuímos valor ao seu território, e passa também por essa universidade pública.

E aí eu me lembro de um geógrafo, ao seu tempo maldito, Jean Gottmann [(1915-1994)] – não digam que eu estou dizendo isso porque me incluo entre os geógrafos malditos; já fui, não sou mais –, que escreveu o seguinte (estou repetindo esta frase porque acho de uma enorme sabedoria): “o território é abrigo e recurso”.

Nada somos “equilibrados”, ele é ao mesmo tempo recurso e abrigo. Com a globalização – ele não viveu para dizer isso; mas eu, como seu longínquo discípulo, posso dizer –, há empresas para as quais o território é só recurso. Para essas grandes empresas que se instalam no sudoeste de Minas [Gerais], no Paraná, que está recebendo uma montadora, na Bahia, que está recebendo a montadora oriental, o território é puramente recurso; mas para todos os demais, os demais homens, as demais empresas, as demais instituições, o território é abrigo.

Porque a maior parte das empresas, das instituições e dos homens dependem do conjunto de recursos e não de um grupo limitado de recursos escolhidos por ela, empresa. Ao contrário, as empresas menores dependem de um conjunto de recursos existentes, como as milhares de empresas que funcionam e dão emprego em São Paulo e que são o distrito industrial – fenômeno que se reproduz também em Campinas, a que o desemprego não se amplia. É a cidade que é um meio produtor de produção. Então esse território é um abrigo porque os que nele vivem, os que nele trabalham, homens e empresas, estão profundamente enraizados e dali retiram resultados materiais, mas retiram elementos culturais, inspiração para o encontro do futuro.

Então eu creio que esse contato que esse fim de século traz e que permite, obriga a nossa disciplina geográfica defronte à realidade, com olhos muito mais percucientes, muito mais profundos, com a busca da verdade muito maior, me faz pensar que este fim de século – que é um começo de século, esse fim de milênio que é começo de milênio – vai nos permitir, aos geógrafos, colaborar com os outros cientistas sociais, no sentido de interpretar, de reinterpretar o país e de ajudar a indicar outros caminhos. Que os nossos colegas nos deixem fazer esse trabalho, e se não nos deixam, nós o faremos assim mesmo.

Muito obrigado!

### Sobre o autor

Milton Almeida dos Santos (1926-2001) foi professor da Universidade Federal da Bahia, Professor Emérito da Universidade de São Paulo e trabalhou em universidades na Europa, na África, nas Américas do Sul e do Norte, muitas das quais lhe outorgaram o título de Doutor *Honoris Causa*. Foi agraciado com o Prêmio Internacional de Geografia Vautrin Lud em 1994. Entre sua vasta produção intelectual, estão as obras *Por uma Geografia Nova* (Hucitec-Edusp, 1978), *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos* (Livraria Editora Francisco Alves, 1978), *Metamorfoses do espaço habitado* (Hucitec, 1988), *A urbanização brasileira* (Hucitec, 1993), *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção* (Hucitec, 1996), *Por uma outra globalização* (Record, 2000) e *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI* (Record, 2001).

\* \* \*

**Agradecimento:** Marie-Hélène Tiercelin dos Santos.

 **BCG:** <http://agbcampinas.com.br/bcg>